

D'ahi, acredo eu, é que proveiu a expressão—*nem a gancho*—para indicar o impossível, a teimosa rebeldia dos homens ou a irredutibilidade das coisas.

Aquelle sentido primitivo de *gancho* segundo a lei manuelina parece que estava *ipsis literis* na mente do nosso velho lexicographo Moraes quando registrou a palavra:

“*Gancho* — ponta de ferro curva enxerida em haste;... destes devia ter cada mecanico o seu para acudirem aos arruidos e aprender os que se acolhiam para não serem presos infragante”.

Os culpados mais que ninguem deviam conhecer o que lhes estava preparado e saberiam por qualquer traça escapar ao perigo...

E, como devia isso acontecer com frequencia, era bem o caso de dizer, como hoje:

— *Nem a gancho!*

É uma reliquia colonial das antigas leis da metropole.

Não me parece ser outra a origem da expressão. (1).

JOÃO RIBEIRO

(1) O texto da lei é o seguinte:

“Ordenou o dito Senhor (Dom Manoel) que todo oficial mecanico tenha na cidade, á porta de sua tenda e casa em que viva ou esteja, um *gancho* com croque de haste de 16 palmos, tendo casa em que caiba ou de grandura que na dita casa caiba... E sejam obrigados com elles acudir a qualquer arroyo que se faça na rua ou por onde fossem fugindo os malfeytores, e trábalhem quanto possível lhe séjam para os aprenderem infragante e os entregarem ás justiças do mesmo Senhor. E não o comprindo não dando e nem mostrando a justa razão que os absolvam de culpa, paguem mil reaes, ametade para o meirinho que os acusar e a outra ametade para a piedade”.....

Mais tarde foram instituidos os quadrilheiros regulares armados de lança, segundo se vê das *Ordenações filippinas*; mas ficou a expressão antiga.

VISION

En vain le passé renait dans un rêve,
Un rêve lointain, longtemps attendu
Les oiseaux chanteurs que l'aurore lève
Viennent becquetant jusqu'en la main d'Eve,
Chaque fleur sourit, chaque arbre a sa sève,
C'est le Paradis... mais il est perdu !

En vain nos yeux clos triomphent de l'ombre,
En ressuscitant à l'intérieur
Ces bonheurs d'antan revenus sans nombre
Si clairs, si vivants, où n'est rien de sombre...
Tout le ciel soudain n'est plus que décombre.
Nous nous retrouvons seuls dans notre cœur.

En vain le premier mot, le mot suprême,
Celui de l'amour la première fois,
Si nous dormons bien, si nous mourons même,
S'entend quelquefois dans un cri suprême.
Et nous répétons en rêvant : je t'aime...
De l'affreux réveil nous sentons les doigts.

Nous nous replongeons encore sans doute
Dans le doux sommeil garni de velours,
Goûtant le passé, goûtant goutte à goutte,
Et nous reprenons lentement la route,
Tout notre cœur bat, notre oreille écoute,...
Puis nous n'avons plus que des songes lourds.

Quand Orphée, hélas ! cherchait Eurydice
Dans ces temps lointains qu'on ne connaît plus,
Il le retrouva l'instant de délice
Pour malheur nouveau, pour nouveau supplice ;
Mais lorsqu'il revint vers le précipice,
Les temps, les destins étaient révolus.

De même, il n'est point donné de revivre
Le rêve rêvé, ce rêve si doux
Que longtemps le cœur surpris en est ivre.
En vain tout le jour on voudrait le suivre,
En vain de la vie on rouvre le livre,
L'instant a passé, ce n'est plus pour nous.

RAOUL DE LA GRASSERIE



Conselhos Medicos

PELO PROF. DR. AUSTREGESILO

A vida é o bem supremo e a melhor maneira de prolongal-a é a não encurtar, como dizia pitorescamente Feuchtersleben.

A vida moderna tem sido complicada inutilmente pelo homem que se cerca do erro e foge da razão. Viver bem é viver, tanto quanto possível, fóra da molestia e da miseria.

Fóra da molestia é facil : basta viver com a razão das cousas, isto é, com 4 ou 5 preceitos comesinhos de hygiene.

Amar a luz, o ar, o campo, o trabalho, o repouso; colocar a dor e o prazer no mesmo nível de intensidade; ter sempre prudencia em obedecer os instintos naturaes : amar, comer, dormir, andar, beber, jogar, fumar, etc., como elementos de necessidade e não de esfalte, porque este é a fonte dos maiores desastres para a vida.

O coração deve ser tomado como modelo de hygiene : é o primeiro que começa a viver, é o ultimo que morre, porque o coração trabalha na systole e repousa na diastole, e se ele for tido como pendulo universal dos ritmos, no dizer do esteta Raul Pompeia, deve ser tomado como simbolo do homem moderno.

O repouso, pois, ao pro rata do trabalho é uma das condições necessarias para a vida feliz. Toulouse em um livro cheio de excellentes conceitos já nos ensina esta regra. O homem exausto é irritavel, pessimista, não tem apetite para os seus instintos naturaes, é um intoxicado dos nervos, é um vencido momentaneo.

O medo é uma das causas dos grandes males na vida.

E um exagero patologico do instincto da conservação. O medo faz-nos sofrer fisica e moralmente. Quando se torna coordenado, permanente, afixativo, obsessante, constitue a nervose do medo. *Angstneurose* dos autores alemães, o *fobo-neurose* como costumo chamar.

Medo, por que? Vale a pena sofrer pelo que não existe, por esses moinhos de vento da imaginação, tal qual aconteceu ao cavalheiro manchego?

Ter medo é sofrer pela imaginação; é ser covarde perante uma idéa falsa, é ter a vida intoxicada pelo irreal.